



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O PAPEL DA ESPOSA EM CONTOS DE KATE CHOPIN

Maria Aparecida do Nascimento Dias
Universidade Estadual da Paraíba
apadias29@yahoo.com.br

RESUMO

No âmbito dos estudos concernentes à condição da mulher na sociedade e sua contribuição enquanto produtora dos saberes literários, sabe-se que os movimentos feministas foram de grande relevância para a visualização da mulher enquanto escritora e divulgadora do universo feminino. Se antes, tínhamos uma abordagem sobre a mulher a partir do ponto de vista do homem, a partir da propagação da escrita de autoria feminina, muitas questões como os dilemas e reivindicações das mulheres descortinaram-se através das letras. No que se refere à literatura, esta entendida como um espaço onde as representações sociais são construídas, através de uma linguagem artisticamente elaborada, nota-se que a mulher ao longo de muitos séculos foi alvo de muitos discursos que intencionavam cercear a sua liberdade e intelectualidade no âmbito político, histórico-social e até mesmo estético, visto que, em linhas gerais, a mulher era considerada inferior ao homem. Muitas são as representações literárias de autoria feminina que delineiam a figura da mulher como eixo das narrativas. Para este trabalho, objetivamos ampliar uma discussão sobre a representação feminina nos contos “*A história de uma hora*” e “*Athenaise*” de Kate Chopin, enfocando a representação literária das esposas para desenvolver uma análise comparativa do perfil dessas mulheres delineadas nos contos supracitados. Para tanto, buscamos compreender como a mulher casada é representada nestes textos. Para situarmos nossas discussões nos apoiamos nos conceitos operatórios da crítica literária feminista.

Palavras-Chave: Esposa, Emancipação Feminina, Kate Chopin.

1.0 Introdução

Diante dos padrões de educação feminina que vigoravam na segunda metade do século XIX, pode-se dizer que Kate Chopin foi uma mulher e uma escritora “além do seu tempo”. Numa época em que as mulheres eram geralmente educadas para costurar, bordar, pintar algumas telas de quadro e mostrar seus vestidos luxuosos e pomposos nos salões, em cujos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

espaços aconteciam os saraus, o que para alguns se configurava como uma maneira “frívola” ou mesmo “ociosa” de passar o tempo, Kate Chopin foi muito mais além desse padrão de comportamento feminino. Ela soube através de sua arte literária expressar através de suas personagens, a contestação das mulheres acerca dos discursos machistas evidenciados pelos homens representados nas pessoas dos (maridos, pais, entidades religiosas).

Desse modo, objetivamos para este trabalho estudarmos através das personagens Athénaïse e Louise Mallard o desejo de emancipação da mulher na esfera social, sexual e afetiva e como estas saem do papel de total subserviência ao marido ao demonstrarem que nem sempre o casamento pode ser um elo que contribui para a emancipação e satisfação feminina.

2.0 Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho fizemos a leitura dos contos “*A história de uma hora*”, “*Athenaise*” seguida de análise interpretativa dos mesmos. Ainda revisamos alguns apontamentos teóricos que exploram discussões sobre gênero por Kate Millet (1970) e Elaine Showalter (1989) corroborando com a temática evidenciada nos contos supracitados.

3.0 Resultados e Discussões

3.1 Athénaïse: A esposa contestadora e o desejo de libertação feminina

O conto *Athénaïse* escrito por Kate Chopin narra a vontade da personagem em se libertar de um casamento mal-sucedido em busca de uma vida longe do marido. O texto deixa em evidência que ela casa-se com senhor Miché não por motivos de amor, mas muito mais por um costume das moças da época. Ambientado no século XIX, o cenário daquele tempo vislumbrava que o casamento constituía-se um elo pelo qual a mulher estaria atada para



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sempre. Nesses moldes, dificilmente ela poderia contestar a vida que ela levava com o marido, mas curvar-se a ele e obedecê-lo cegamente como seu amo e senhor.

Quando questionada pelos pais sobre o real motivo de não suportar aquele casamento, Athénaïse justifica que queria ter sua identidade de volta. Ela ratifica que gostaria de ser chamada pelo próprio nome e não pelo sobrenome do marido. O trecho que se segue apresenta o argumento em que Athénaïse sente-se suplantada pela sua própria personalidade, como se a sua vida fosse regida pelas obrigações de mulher casada e por isso lhe incomodava ser considerada uma extensão caudatária do marido: *“É só o que eu detesto e eu desprezo tá casada. Detesto sê a senhora Cazeau e queria sê Athénaïse Miché de novo”*. (CHOPIN, 2011, p. 112)

A personagem Athénaïse visivelmente não suporta aquela vida de dona-de-casa e foge para casa paterna de onde é persuadida a voltar para o marido. Interessante notar através do texto literário, como o casamento representava uma farsa, cuja realidade o marido Cazeau bem sabia e até certo ponto parecia arrependê-lo de ter selado tal contrato, porém ele recorre a uma possível reconciliação a fim de manter as aparências perante a sociedade.

[...] *“O casamento dos dois fora um erro; bastava olhar nos olhos de Athénaïse para sentir isso, para descobrir a aversão que crescia dentro dela. Mas não havia a menor possibilidade de aquele matrimônio ser desfeito”*. (idem, 2011, p.107).

Apesar de fugir para casa dos pais com apenas dois meses de casada, o conto mostra que Athénaïse não estava nem um pouco arrependida da sua decisão.

Kate Chopin nos mostra através da construção do texto literário como as mulheres sentiam essa vontade de se libertar das “amarras domésticas” e lutarem pela sua emancipação. Desse feito, a personagem Athénaïse não representava o tipo da esposa submissa, mas questiona abertamente a sua condição de esposa fugindo do casamento por entender que ele constitui um empecilho a partir do seu apagamento identitário, até mesmo pelo fato de ser chamada pelo nome do marido.

Vale salientar que o conto sinaliza uma modificação usual no que se refere à postura do homem, pois dessa vez é ele que de certo modo se “rebaixa” à figura feminina. Cazeau vai



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

até à casa dos pais de Athénaïse para resgatá-la, para buscar o que por “lei” pertencia a ele. *“Era bastante inconveniente ter de deixar de lado os seus afazeres [...] Mas, dentre todas as suas tarefas mais urgentes, a de lembrar à esposa quais eram suas obrigações de dona de casa era a mais importante no momento” (ibidem, p.108)*

As pessoas da casa julgavam que o casamento era um evento que adicionava bons predicados à vida de uma moça, ou seja, casar representava uma transição na vida de uma mulher e até mesmo acrescia mudança ao seu comportamento. Através de algumas passagens o narrador nos mostra o entendimento que a família de Athénaïse tinha a respeito da implicação do matrimônio na vida de uma senhorita: *“Eles entendiam que o matrimônio era um poderoso, maravilhoso agente no desenvolvimento e na formação do caráter de uma mulher; haviam testemunhado esse efeito tantas vezes que não tinham dúvidas”.* (ibidem, p.115).

O fato de Athénaïse não encontrar desculpas plausíveis como (violência física ou alcoolismo por parte do esposo) cerceou qualquer possibilidade dela encontrar um refúgio legal para livrar-se do casamento. Na época em que o conto fora escrito, a mulher não tinha liberdade total para se desvencilhar de um casamento por sua própria vontade.

Nesta perspectiva, sua decisão fora acolhida com reprovação pela família, os quais interpretavam a insistência dela de se separar de Cazeau como fruto de um capricho:

Imploraram, xingaram, ameaçaram, esbravejaram, a ponto de ela se sentir como um barco a vela, levado de arrasto por todos os ventos despejados pelos céus. [...] Mas ela não tinha armas com as quais pudesse enfrentar sutilezas. O olhar do marido, a voz dele e sua mera presença encheram Athénaïse de um súbito desânimo, de uma instintiva compreensão da futilidade que havia em se rebelar contra uma instituição social e sagrada. (ibidem, p.111-113)

No momento em que Cazeau está trazendo sua esposa para casa, visualizamos através de uma metáfora do texto como o resgate de Athénaïse representava uma posse por parte de seu marido. Cazeau lembra-se de um evento que acontecera com ele ainda jovem. Na ocasião



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um dos negros do seu pai chamado Black Gabe havia fugido, porém fora capturado rapidamente. Fato este, que todos comentavam e riam da idiotice do negro por julgarem desperdício de tempo ele tentar fugir, pois, sempre haveria um modo de trazê-lo a sua condição inicial de escravo fugitivo e capturado.

Ele havia passado por aquele carvalho antigo centenas de vezes, mas só agora a recordação daquele dia em particular retornava-lhe à mente. [...] O Nego Gabe havia fugido e fora encontrado no pântano Gotrain. [...] a opinião geral à época foi de que o Nego Gabe era um tolo e, para dizer a verdade, um grande idiota por querer fugir dele. (idem, p.114)

Esta recordação leva-nos a compreender que, da mesma forma como o negro Gabe, seria perca de tempo as investidas de Athénaïse em querer fugir de seus compromissos como casada, pois a mesma não seria amparada por ninguém e seus fundamentos seriam considerados inconsistentes frente às determinações judiciais da época. Teria que voltar de todo jeito para o lar “arrastada” pelo marido.

Essa obediência e subserviência da mulher ao marido eram legalmente sancionadas pela sociedade, pelas leis e pela família da esposa, a qual apoiava incondicionalmente essa ideologia delas serem propriedades privadas de um homem. Kate Millet (1970, p.15) argumenta a respeito do controle daquelas mulheres pontuando que:

O princípio tutelar, frequente na jurisprudência ocidental, colocava a mulher casada numa condição de objeto durante toda a vida. O marido passava a ser uma espécie de tutor legal, como se com o casamento ela passasse a fazer parte da categoria dos loucos e atrasados mentais, que, de um ponto de vista legal, eram também considerados como «mortos aos olhos da lei».

O conto ainda sinaliza que Athénaïse é ajudada nas fugas pelo seu irmão Montéclin, cuja reixa de Cazeau é antiga desde o dia em que este negou-lhe um empréstimo. É Montéclin quem ajuda Athénaïse nas suas fugas e expõe diante da família, o apoio à irmã. Mesmo tendo fugido duas vezes mostrando que nada naquele casamento a prendia, Athénaïse descobre que está grávida e decide voltar para o lar e assim é concluído o defecho da estória.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Athénaïse entrou num armarinho e comprou toda sorte de coisas – pequenos presentes para quase todas as pessoas que conhecia. Comprou virotes inteiros da mais macia, mais felpuda, mais fina pelúcia branca; quando o vendedor, tentando satisfazer todos os seus pedidos, perguntou se aquilo era para um bebê, ela teve vontade de sumir, afundar o chão, e perguntou-se como era que ele sabia. (idem, p.140)

Esse trecho enfatiza o velho protótipo de que muitas mulheres continuam casadas por conta da obrigação de criar os filhos e serem mães de família. Nesses moldes, o texto sustenta a opinião tradicional de que a maternidade é um dos empecilhos para a mulher assumir a liberdade almejada. Mesmo tendo o perfil de esposa contestadora, Athénaïse enfrenta o marido, a família e a sociedade para tornar-se uma mulher separada de uma instituição tão forte para uma mulher do século XIX, porém esbarra na sua condição de mãe.

3.2. Louise Mallard: A esposa “libertada” por um instante de hora

O conto “Story of an hour” escrito em 1894 já inicia com o anúncio da morte de Brently Mallard à sua esposa Louise Mallard. Esta notícia tinha sido dada com muita cautela por sua irmã Josephine e um amigo do defunto de nome Richards a fim de não agravar o quadro clínico de Louise, a qual já demonstrava problemas cardíacos. Ambos temiam um infarto da recém viúva.

Após receber a notícia da morte do marido, Louise chora por poucos instantes e se dirige ao quarto para meditar aquele momento. É justamente nesse momento que verificamos o quanto aquele casamento a sufocara a vida inteira. Louise começa a meditar sobre a morte de Brently e percebe que na verdade esta situação constituíra-se em uma “carta de alforria” para ela, visto que, agora ela poderia “ser ela mesma”, ou seja, poderia ser livre.

Louise sentada sozinha no seu quarto aprecia através de uma janela aberta, a beleza da natureza, o gorjeio dos pássaros e até mesmo alguém cantando no meio da rua. Nesse momento o narrador onisciente leva-nos a fazer uma leitura da vida de esposa que Louise levava até então. Vida esta, que não preenchia o seu ego de mulher.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Aquelas sensações boas visualizadas por ela através da janela, para alguns poderia consistir em um ato banal, porém para Louise era carregadas de um simbolismo, porque a partir de então ela teria liberdade e gozaria dos momentos que nunca aproveitou enquanto o marido esteve vivo. A notícia da viuvez acedeu-lhe o ânimo para viver.

Enxergou, na praça em frente à sua casa, as copas das árvores que estremeciam com a renovação da primavera. Havia no ar um cheiro gostoso de chuva. Na rua abaixo, um mascate anunciava aos gritos suas mercadorias. Alguém cantava, e as notas distantes da canção alcançavam-na vagamente, e incontáveis pardais gorjeavam no beiral do telhado. (CHOPIN, 2011, p.80)

O conto deixa-nos entrever que a morte de Brently Mallard representava a libertação de um casamento sem prazeres na vida de Louise. Tendo sido escrito em uma época em que o patriarcado imperava muito forte, percebemos que Louise era a típica esposa resignada que vivia para o marido, ainda que silenciasse para si as suas amarguras.

Quando Louise profere as palavras “livre”, “livre”, “livre” notamos que ela se libertara da prisão daquele casamento e que a viuvez tinha vivificado as suas esperanças. *“Quando desistiu da luta, uma pequena palavra sussurrada escapou de seus lábios mal e mal entreabertos. Ela repetiu várias vezes entre dentes: “Livre, livre, livre!”* (ibdem, p.80).

Em outra passagem, visualizamos que a viuvez seria uma forma de Louise assumir-se a si própria e poder controlar a sua vida, ou seja, agir conforme os seus desejos e não para agradar o marido. [...] *“Então, abriu e estendeu os braços bem abertos e deu as boas-vindas a todos os anos futuros”.* (ibdem, 2011, p.81).

O ato de abrir os braços metaforiza a sua vontade de se libertar daquela vida conjugal que a aprisionava, e dar boas-vindas a um futuro em que poderia ser independente e livre de qualquer imposição masculina. No trecho supramencionado, notamos que Louise vivia para o marido. Era ele quem “vivia por ela” e quem decidia tudo por ela.

Assim concordamos com as palavras de Showalter (1988, p.4) quando diz que as questões de gênero ultrapassam as fronteiras biológicas, pois são muito mais uma construção



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

social, construídas até mesmo no plano da linguagem e vislumbram uma assimetria no que tange ao poder exercido pelo homem e pela mulher.

Futhermore, gender is not only a question of difference, which assumes that the sexes are separate and equal; but of power, since in looking at the history of gender relations, we find sexual assymetry, inequality, and male dominance in every know society”. (ibdem, p.4).

Na sequencia do conto verificamos que a alegria da liberdade de Louise dura pouco, pois alguns minutos depois da explosão da notícia, Brently Mallard aparece à porta e esclarece que aquela notícia de sua morte tivera sido um equívoco. Nesse momento, Louise tem um infarto e morre. Quando os médicos vão diagnosticá-la descobrem que a causa de seu óbito tinha sido uma “alegria que mata”. *“Quando os médicos chegaram, disseram que ela havia morrido do coração – de alegria fulminante”* (ibdem, p.82).

São através dessas últimas palavras do conto *“alegria fulminante”*, que são descortinadas ao leitor o motivo da morte de Louise, visto que, a certeza de voltar àquela vida infeliz de casada seria um verdadeiro martírio.

Nesse sentido, Louise viu-se como a esposa que teve uma “hora de liberdade”, e por alguns instantes pode vislumbrar a possibilidade de um futuro livre das amarras do casamento, livre do marido, livre para buscar as verdadeiras satisfações do seu “eu”, contudo aqueles sonhos foram minados pela volta do marido. Assim a morte seria a sua fuga, seu escape e até a sua redenção como uma esposa em liberdade.

4.0 Considerações Finais

Sabe-se que no século XIX, as mulheres não tinham muitas opções para escolher o que fazer com o próprio destino. Dessa maneira, entre o curto leque de possibilidades restava-lhes escolher entre: ingressar no convento, permanecerem solteiras na casa dos pais e, portanto



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sustentadas por eles, ou casar-se. Esta última opção representava a escolha que restava, visto que, com o casamento a mulher ganharia prestígio social e algum tipo de conforto financeiro, caso o noivo possuísse dinheiro para custear as despesas.

Além do mais, o casamento sugeria inicialmente uma “liberdade”, haja vista, a partir dele, as mulheres lograriam a possibilidade de sair da redoma da casa e conhecer outros lugares e pessoas ao lado do esposo. Contudo, em termos práticos, sabe-se que isso era uma ilusão, pois a mulher saía da dominação do pai para a dominação do marido constituindo um ciclo de aprisionamento que coíbiam em muitos casos a sua emancipação feminina.

Os contos “A história de uma hora” e “Athénaïse” aqui analisados demonstram o desejo de emancipação da mulher na esfera social e afetiva, haja vista essas mulheres verbalizarem a necessidade de se desvencilhar do papel de total subserviência ao marido, pois o casamento configurava-se como impossibilidade de realização pessoal e uma não satisfação por parte dessas mulheres.

5.0. Referências Bibliográficas

BROSE, Elizabeth, R. Z. ; CARDOSO, B. M; VIEGAS-FARIA, B. (orgs). **Kate Chopin:** contos traduzidos e comentados estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Lumiara, 2011.

MILLET, Kate. **A política Sexual.** Portugal: Dom Quixote, 1970.

SHOWALTER, Elaine. The Rise of Gender. In: **Speaking of Gender.** Great Britain: Routledge, 1989.